



## A LEITURA CRÍTICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS: UM DEBATE ACERCA DO LETRAMENTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

*Critical reading in public schools: a debate about literary literacy in basic education*

Renato da Silva PEREIRA<sup>1</sup>

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria Eduarda da Silva SOUSA<sup>2</sup>

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria Kérvia Ferreira da SILVA<sup>3</sup>

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

**RESUMO:** O objetivo geral deste trabalho é debater acerca de como a leitura na educação básica ainda é um desafio nas escolas públicas no Brasil. Desse modo, esta pesquisa constrói-se mediante a análise dos desafios na aquisição do hábito da leitura dos discentes da camada mais pobre que frequentam a escola pública. Com o uso de uma metodologia qualitativa, a partir da perspectiva teórica fundamentada por autores como: Bourdieu (1989), (1996); Freire (1988); Koch (2012); Cosson (2009) - apresentamos uma reflexão sobre como o hábito da leitura crítica ainda é um desafio nas escolas da rede pública de ensino que ainda lidam com as amarras sociais nos dias de hoje. Dentre as principais conclusões, destacam-se as seguintes: o fato do sistema escolar reproduzir a desigualdade social imposta pelos donos do poder, ao valorizar os capitais herdados por esses; e a falta de incentivo familiar ao hábito da leitura nas famílias mais carentes socialmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola pública. Leitura crítica. Hábito de leitura.

**ABSTRACT:** The overall objective of this work is to discuss how reading in basic education remains a challenge in public schools in Brazil. Therefore, this research is constructed through an analysis of the challenges faced by students from the poorest social classes who attend public schools in acquiring the reading habit. Using a qualitative methodology, based on a theoretical perspective grounded in authors such as Bourdieu (1989), (1996); Freire (1988); Koch (2012); and Cosson (2009), we present a reflection on how the habit of critical reading remains a challenge in public schools, which still grapple with social constraints today. Among the main

<sup>1</sup>Graduado em Letras pela Universidade estadual da Paraíba – UEPB E-mail: [renatobaato@gmail.com](mailto:renatobaato@gmail.com)

<sup>2</sup>Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB E-mail: [maria.eduarda.pereira@aluno.uepb.edu.br](mailto:maria.eduarda.pereira@aluno.uepb.edu.br)

<sup>3</sup>Graduada em Letras pela Universidade estadual da Paraíba – UEPB, [maria.kervia@aluno.uepb.edu.br](mailto:maria.kervia@aluno.uepb.edu.br)



conclusions, the following stand out: the fact that the school system reproduces the social inequality imposed by those in power by valuing the capital they inherit; and the lack of family encouragement for the reading habit in the most socially deprived families.

**KEYWORDS:** Public school. Critical reading. Reading habit.

## INTRODUÇÃO

A leitura na sala de aula, atualmente, tornou-se um assunto deveras desafiador, pois as pessoas estão cada vez mais imersas nas novas tecnologias, e conseqüentemente, estão deixando de lado os livros. Assim, observa-se que esses indivíduos têm passado mais tempo no aparelho celular ou no computador do que com livros. Assim, compreendemos que já não se lê mais como antigamente, pois as redes sociais estão se tornando um atrativo para a maioria da população, já não se vê mais tantos indivíduos com livros nas ruas, pois já que esses foram substituídos pelos aparelhos celulares, ou seja, não apenas os livros foram substituídos pelas novas tecnologias, mas também a interação social entre os indivíduos.

Ademais, verificamos ainda que o acesso aos livros e o incentivo à leitura, na maioria das vezes, não está disponível a todos na mesma proporção. Isso ocorre porque as classes mais vulneráveis não possuem o hábito da leitura; devido ao círculo histórico de desigualdade que marca suas vidas. Vale ainda destacar, que boa parte desses leitores são filhos de sujeitos que não tiveram acesso a direitos fundamentais, como o da educação. Devido a isso, o ciclo do analfabetismo prevaleceu por muito tempo e ainda persiste nos dias atuais, já que os filhos daqueles que fazem parte das classes sociais mais baixas, cujo pais não tiveram oportunidade de estudar, acabam por não enxergar na escola um lugar interessante e importante para o seu desenvolvimento intelectual, emocional e social.

Assim, compreendemos que esse fenômeno se diverge com a realidade daqueles em que suas famílias possuíam maior poder econômico, pois influenciados pelo seio familiar tinham acesso a livros e a escolas de qualidade. Com a Constituição Federal de 1988, a educação se tornou um direito de todos, entretanto, os filhos da classe mais vulneráveis continuaram deslocados, pois o ciclo do analfabetismo funcional persiste



impregnado nas suas vidas. Sendo assim, do que adiantava saber o alfabeto se, em casa, os pais não sabiam ler e não tinham acesso a livros?

Dessa forma, sabendo que são os filhos da classe mais vulnerável, os quais não possuem o incentivo à leitura em casa, que frequentam as escolas públicas no Brasil, verificamos que a leitura se torna um obstáculo na sala de aula da educação básica das escolas públicas. Pois, muitas vezes, não acham a escola atrativa, estão lá só para cumprir um ritual imposto pela sociedade, e ao ser proposta alguma dinâmica de leitura, eles não participam por não estarem habituados.

## 1. Objetivo

O objetivo geral deste trabalho é debater acerca de como a leitura na educação básica ainda é um desafio nas escolas públicas no Brasil. Já os nossos objetivos específicos, são: a) verificar o perfil dos discentes da escola pública do Brasil; b) discutir acerca das principais dificuldades para se trabalhar a leitura em sala de aula nas escolas públicas; c) observar as dificuldades para se adquirir o hábito de leitura nos alunos da rede pública.

## 2. Metodologia

Neste trabalho, utilizamos uma metodologia qualitativa de caráter bibliográfico, centrada em uma perspectiva teórica discutida por autores como: Bourdieu (1989), (1996); Freire (1988); Koch (2012); Cosson (2009). Nesse processo, debatemos sobre como a leitura crítica ainda é um problema persistente na educação básica no Brasil, sendo o principal obstáculo para a sua aquisição a falta de incentivo familiar. Assim sendo, no decorrer do nosso trabalho, analisamos principalmente os desafios do hábito da leitura crítica nas escolas públicas.

## 3. Resultados e discussão

De acordo com Freire (1988), a leitura de mundo antecede a da decodificação, sendo adquirida no convívio familiar e social, ou seja, no âmbito da educação informal



desses indivíduos. Assim, embora esteja ligada ao contexto informal, ela é fundamental na formação crítica dos leitores, pois quando eles se deparam com a realidade do processo de formação escolar, esses indivíduos trazem consigo uma bagagem cultural advinda do seu contexto social e familiar, que proporciona uma maior autonomia no que se refere a contextualização entre a leitura e a realidade de mundo. Em síntese, percebemos que os âmbitos: escolar, social e familiar são de extrema importância na formação de leitores que não leem só decodificando, mas sim, interpretando e opinando criticamente.

Dessa forma, entendemos que a leitura e a compreensão de textos são utilizadas nas aulas, muitas vezes, apenas como “pretextos” para o ensino da gramática, o que faz com que o aluno ache o texto chato e enfadonho; afastando-o assim da prática da leitura crítica. Assim, as metodologias para se trabalhar a leitura nas aulas de Língua Portuguesa precisam ser aprimoradas e discutidas com uma maior frequência, com o propósito de desenvolver nos alunos a prática da leitura, proporcionando-lhes momentos de discussão acerca dos textos lidos, trabalhando a criticidade e autonomia. Visto que, sistematicamente o aluno é incentivado a defender o mesmo ponto de vista do autor do texto ou até mesmo do próprio professor, não tendo um espaço para expressar sua própria opinião.

Nessa perspectiva, observamos o quão importante é a bagagem sociocultural do aluno para que ele consiga interpretar um texto, o aluno que não tem acesso a esses mecanismos, como é o caso da maioria dos que estudam em escolas públicas, que por fazer parte da classe mais vulnerável, acabam passando por um processo de leitura mais dificultoso. Isso porque, como ressalta Koch (2012), o sentido que o leitor atribui ao texto não é arbitrário, porém é uma construção social. Nesse sentido, a leitura é vista como resultado da interação do leitor e do texto, assim o ato da leitura, mesmo realizado sozinho, é uma atividade social, pela qual acontece a interação entre leitor e autor.

Além disso, para Koch (2012), a importância de uma leitura ativa, que envolva o leitor e o provoque, tem o objetivo de levar os indivíduos a questionarem aquilo que foi lido e relacionar com seu contexto social. Nesse sentido, observamos que a leitura crítica é necessária para que as pessoas possam compreender e questionar a realidade



que os cerca e assim tenham a oportunidade de lutar pelos seus direitos, opinar e participar ativamente da sociedade da qual fazem parte.

Com isso, podemos perceber o quão importante é a leitura interativa, na qual a relação autor/aluno e vice versa é tida como um processo importantíssimo para a construção desse mundo que é o ato de ler e compreender. Nesse processo o autor deve considerar o seu leitor na hora da produção de sua obra. Já o leitor, por sua vez, é estimulado a relacionar sua realidade e seus conhecimentos com o texto lido, sendo instigado a ativar conhecimentos prévios que são necessários para a compreensão do texto que está sendo lido.

Para Bourdieu (1996) é a escola, através da inércia cultural, uma das responsáveis pelos vários mecanismos na manutenção das desigualdades sociais. Essas ideias ajudam a entender o lugar que a educação formal possui na sociedade. O autor ressalta que a escola exclui os estudantes das classes sociais mais pobres, através de um conjunto de estratégias que levam os discentes aos seus respectivos caminhos, o rico para os postos de maior prestígio social e os mais pobres aos mais desvalorizados. Bourdieu cria a noção de capital cultural, ligando-a ao conceito de *habitus*, para explicar as divergências no desempenho escolar entre os alunos das diferentes camadas sociais.

Nesse viés, verificamos que é a escola a responsável por conservar a desigualdade social, pois essa sanciona a bagagem cultural que será considerada como natural e ideal a ser seguida. Para o autor, a escola é uma (re)produtora da desigualdade social, de modo em que, sempre de maneira silenciosa e preservada pelos discursos do mérito, privilegiam os que possuem os “*habitus*” tidos como legítimos pelos grupos que possuem o poder.

De forma geral, entendemos que a classe mais vulnerável vê a leitura como algo sem graça e difícil, por não se adequar ao sistema escolar. Por causa disso, muitos se afastam do mundo da leitura e se tornam alvos de manipulação social, acreditando facilmente em tudo que é imposto socialmente. Ademais, percebemos que atualmente outro problema veio a somar para dificultar o processo de aquisição da leitura: as redes sociais, pois, frequentemente, observamos que as pessoas leem cada vez menos livros, e isso impacta diretamente no ambiente escolar, já que os alunos consideram os celulares



mais interessantes do que os livros. Diante disso, precisamos incentivar nossos alunos a manusear livros, a folhear, a se atrair pelas capas e resenhas deles.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, verificamos que os principais obstáculos enfrentados na escola pública para a aquisição do hábito de leitura crítica na educação básica, são: a) a falta de incentivo familiar ao hábito da leitura; b) a desigualdade social provocada pelas escolas, que valoriza o capital social, predominantemente, herdado pela classe mais prestigiada economicamente; c) a falta de estratégias eficazes da escola para atrair os alunos ao mundo da leitura.

Desse modo, ao longo do nosso trabalho, discutimos como a falta do capital cultural pode prejudicar na interpretação dos textos, os quais devem andar sempre vinculados ao interesse dos alunos. É o livro que tem que ganhar o leitor, a interação autor/leitor sempre tem que ser vista como fundamental na leitura. Pois, como disse Freire (1988) “a leitura do mundo precede a da palavra”, por isso a leitura tem que ser uma interação entre o contexto social que o indivíduo está inserido e o do texto. Uma vez que, para criar o hábito da leitura devemos pensar em estratégias que estejam vinculadas a realidade do nosso aluno.

Portanto, para incentivar a leitura crítica dos alunos da escola pública é fundamental identificar o contexto social deles, bem como as palavras, as letras e os textos que são familiarizados em seu cotidiano. Visto que, observamos que a leitura crítica ainda é um problema persistente na educação básica no Brasil, o principal obstáculo para aquisição dessa habilidade é a falta de incentivo familiar e da ausência ou não de estratégias e metodologias, por parte dos profissionais da educação, que visem ao letramento literário.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Trad. De Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1996.



BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.

COSSON, R. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1988.

KOCH, I.; ELIAS, V. **Ler e escrever**: estratégias de produção Textual. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.